

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

23 – A Força de Alma e a Personalidade Quádrupla (I)

07.08.22

(Parte IV – Capítulo XV)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -

Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo

2020 - 2022

1

14- O PODER DOS INSTRUMENTOS

- Objetivo: tornar a natureza um instrumento apropriado para os trabalhos divinos: “elevar, ampliar e retificar o poder dos instrumentos de nossa natureza”.

O Corpo

- O controle do corpo e vida pela mente e seu pensamento e vontade é o primeiro passo em direção a essa mudança. Depois a mente deve dar lugar ao espírito, à força espiritual.

O Vital

- A energia será de um ilimitável poder-vital ou força prânica; e sustentando e utilizando essa energia prânica, um poder-vontade superior.

A Mente (citta)

- Inclui o ser emocional. Deve ser levada a uma tranquila intensidade e perfeição através de purificação (desejo, ego), igualdade, luz do conhecimento e harmonização da vontade.

Inteligência e Mente Pensante (buddhi)

- Deve tornar-se um desenegrecido espelho da verdade, capaz de toda variedade de compreensão, aberta a todas as formas da manifestação da verdade. Clareza e pureza.

Principais Condições para a Perfeição

- Vontade, auto-observação, auto-conhecimento.
- Uma constante prática ou auto-modificação e transformação.
- Ascese, *tapasya*, paciência, fé, retitude de conhecimento e vontade.
- O ser mental deve abrir o caminho por uma clara e observadora introspecção.
- Posteriormente, um poder maior diretamente intervém para efetuar uma mais rápida e mais fácil transformação.

O aperfeiçoamento
da mente comum, do coração, do prana e do corpo,
nos traz apenas a perfeição da máquina psicofísica
que temos que usar,
e cria certas condições justas nos instrumentos
para uma vida e ação vividas e efetuadas
com um poder e um conhecimento
mais puros, mais vastos, mais límpidos.

A questão seguinte é
saber qual é a Força
que se verterá nos instrumentos,
karana,
e quem é esse Um que manobra a Força
para suas finalidades universais.

A força que opera em nós será a *Shakti* divina manifestada,
 a Força suprema ou universal
 desvelada no ser individual liberado,
para praktir jivabhuta;
 é ela que será a autora, *karta*,
 de toda a ação e de todo o poder dessa vida divina.

O Um detrás dessa força será o *Ishwara*,
 o Mestre de todo o ser,
 com quem, em nossa perfeição,
 toda a nossa existência será, ao mesmo tempo,
 um ioga de unidade com Ele na essência
 e de união nas relações variadas da alma e de sua natureza
 com a Divindade que está em nós
 e em quem, também,
 vivemos, nos movemos e temos nosso ser.

5

É essa *Shakti*,
 e o *Ishwara* que está nela
 ou detrás dela,
 sua presença e maneira de ser divinas,
 que devemos chamar
 em todo nosso ser
 e em toda nossa vida.

Pois sem essa presença divina
 e esse modo de funcionar mais vasto
 não pode haver *siddhi* do poder da natureza.

6

Toda ação do ser humano na vida é
uma conexão entre a presença da alma
e as operações da Natureza:

Purusha e Prakriti.

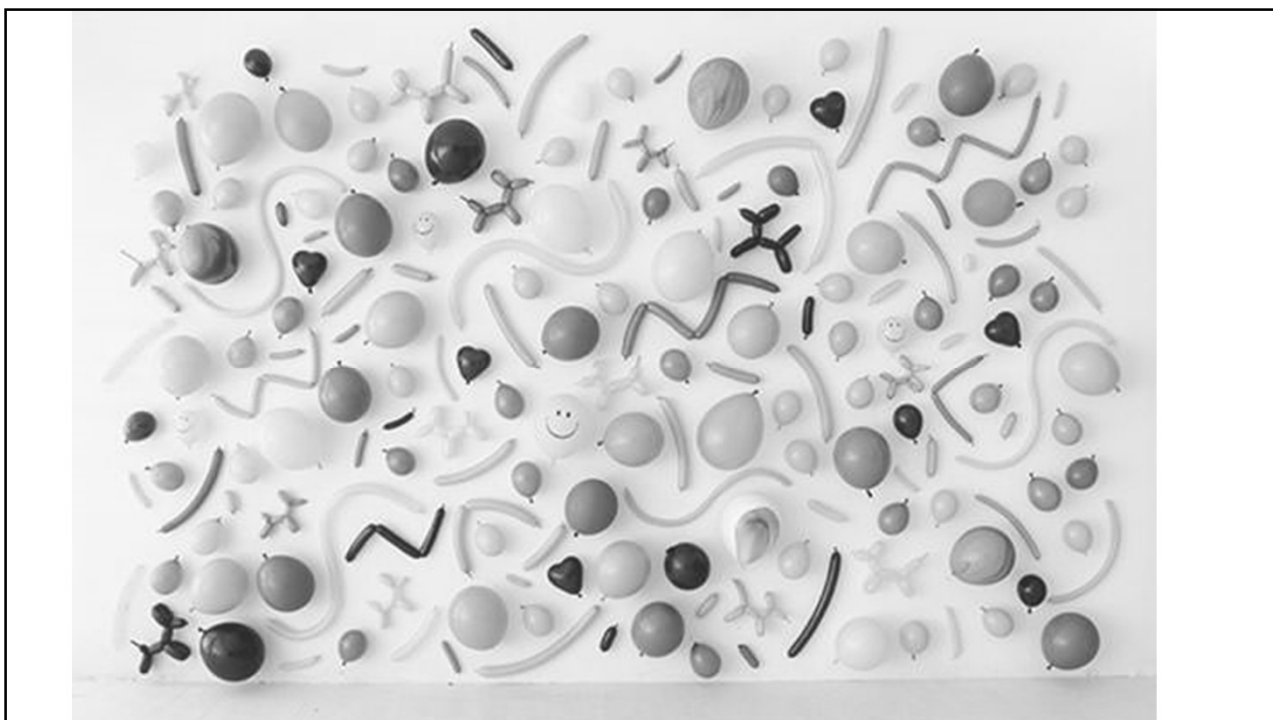
A presença e influência do *Purusha*
se apresentam na natureza
sob a forma de certo poder de nosso ser,
que podemos chamar *força de alma*
para nosso propósito imediato,
e é sempre essa força de alma que sustenta
todas as operações dos diferentes poderes
– a razão, a mente, a vida, o corpo –
e determina a tendência de nosso ser consciente
e o tipo de nossa natureza.

7

O ser humano comum,
desenvolvido de maneira normal,
a possui em forma reduzida, mitigada, mecanizada, submersa:
a do temperamento e caráter;
mas isso é apenas seu molde mais externo,
em que o *Purusha*, a alma consciente ou ser consciente,
parece estar limitado, condicionado e modelado
pela *Prakriti* mecânica.

A alma se derrama em qualquer molde da mente,
em qualquer tipo,
intelectual, ético, estético, dinâmico, vital e físico
que a natureza adote ao longo de seu desenvolvimento,
e ela só pode agir da maneira imposta por essa *Prakriti* assim formada,
e mover-se apenas nesse canal estreito
ou em algum círculo relativamente mais largo.

8



O indivíduo é então
sátvico, rajásico ou *tamásico*
ou uma mistura dessas qualidades,
e seu temperamento é apenas
uma espécie de coloração mais sutil,
uma cor de alma que foi dada a essa operação
maior e mais proeminente
desses três modos fixos de sua natureza.

Os indivíduos dotados de uma força maior
conseguem mais poder de alma na superfície
e desenvolvem o que chamamos
uma grande ou forte personalidade;

eles têm em si algo do *Vibhuti*,
assim como é descrito na Guita,
vibhutimat sattvam srimad urjitam eva va,

um poder maior de ser,
 muitas vezes tocados por um sopro divino
 ou algumas vezes preenchidos por ele,
 ou manifestam mais do que
 a manifestação comum da Divindade
 que, de fato, está presente em tudo,
 mesmo no ser vivo mais débil ou mais obscurecido;
 mas aqui, alguma força especial dessa Divindade
 começa a aparecer de detrás do véu da humanidade mediana,
 e há algo belo, atraente, esplêndido ou poderoso
 nessas pessoas excepcionais,
 que brilha em sua personalidade,
 em seu caráter,
 em sua vida
 e em sua obra.

11

Essas pessoas também seguem
 o tipo de força de sua natureza segundo suas *gunas*,
 mas há nelas algo de evidente, embora dificilmente analisável,
 que, de fato, é um poder direto do Self, do Espírito,
 que se serve do molde e da tendência da natureza
 para seu propósito poderoso.

A própria natureza, por meio disso,
 eleva-se, ou tende a elevar-se, a um grau de ser superior.

Muitos elementos nas operações da Força
 podem parecer egoísticos ou mesmo distorcidos,
 mas, mesmo assim, é ainda o toque da Divindade que está por trás,
 qualquer que seja a forma,
dévica, asúrica ou mesmo *rakshásica* que ela possa assumir,
 que conduz a *Prakriti*
 e se serve dela para seus propósitos superiores.

12

Quando o poder do ser estiver ainda mais desenvolvido,
o real caráter dessa presença espiritual será revelado,
e veremos então algo impessoal e autoexistente,
com seu poder próprio,
uma pura força de alma que não é a força da mente,
nem a força da vida, nem a força da inteligência,
mas que as conduz,
e embora siga ainda, até certo ponto,
o molde de suas operações,
suas *gunas* e seu tipo de natureza,
ainda assim ela põe o selo de sua transcendência original,
de sua impessoalidade,
do puro fogo do espírito,
um algo mais além das *gunas* de nossa natureza normal.

13

Quando o espírito em nós estiver livre,
o que estava detrás dessa força de alma
emerge então,
em toda sua luz,
sua beleza,
sua grandeza:
o Espírito,
a Divindade,
que faz da natureza e da alma humana
sua base
e seu representante vivo
na existência,
na mente cósmica,
na ação
e na vida.

14

A Divindade, o espírito manifestado na Natureza,
revela-se em um mar de atributos infinitos, *Ananta-guna*.

Mas a *Prakriti* executora ou *Prakriti* mecânica,
caracteriza-se pela guna tripla: *satwa, rajas, tamas*;
e a *Ananta-guna*, o jogo espiritual da infinitude de atributos,
se restringe nessa natureza mecânica
segundo o tipo dessas três *gunas*.

E na força de alma humana,
essa Divindade na Natureza
representa-se sob a forma de
um quádruplo Poder de efetivação, *catur-vyuha*:

Poder de conhecimento,
Poder de energia,
Poder de mutualidade e de relações práticas e intercâmbios produtivos,
Poder para obras, labor e serviço;

15

sua presença molda toda a vida humana
segundo a operação interior e exterior
desses quatro poderes combinados.

O antigo pensamento da Índia,
consciente desse quádruplo tipo de personalidade ativa
e da natureza humana,
desenvolveu os quatro tipos
– *bramin, ksatrya, vaisya* e *sudra*,
cada um com sua tendência espiritual,
seu ideal ético,
sua educação apropriada,
suas funções fixas na sociedade
e seu lugar na escala evolutiva do espírito.

16

Como acontece sempre quando
 externalizamos e mecanizamos em demasia
 as verdades mais sutis de nossa natureza,
 essa divisão se tornou um sistema com regras fixas,
 incompatível com
 a liberdade,
 variedade
 e complexidade
 do espírito mais fino
 que se desenvolve no ser humano.

No entanto,
 existe uma verdade por trás disso,
 e ela tem considerável importância
 para a perfeição do poder de nossa natureza,
 mas devemos considerá-la em seus aspectos interiores:

17

primeiro,
 a personalidade,
 o caráter,
 o temperamento,
 o tipo de alma;
 em seguida,
 força de alma que se encontra por trás
 e assume essas formas
 e, por último,
 o jogo da *Shakti* livre,
 espiritual,
 em que essas formas descobrem
 sua culminação e sua unidade
 além de todos os modos ou *gunas*.

18

Pois a ideia exterior grosseira de que
um indivíduo nasce como brâmane,
como *kshatrya*,
como *vaishya*
ou como *sudra*
unicamente,
não corresponde a uma verdade psicológica de nosso ser.

O fato psicológico é que esses quatro poderes de ação,
essas quatro tendências do Espírito e de sua *Shakti* executora,
existem em nós,
e a preponderância de um ou de outro
na parte mais formada de nossa personalidade
nos dá nossas tendências principais,
nossas qualidades e capacidades dominantes,
nossa *virada* efetiva na ação e na vida.

19

Mas eles estão mais ou menos presentes
em todos os seres humanos
– aqui manifestados, lá, latentes,
aqui desenvolvidos, lá, atenuados,
reprimidos ou subordinados –
e no indivíduo aperfeiçoado
serão levados a uma plenitude e harmonia
que, na liberdade espiritual,
irromperão no jogo livre dos atributos infinitos do espírito,
na vida interior e na vida exterior,
e no jogo criador do *Purusha*
com o Poder de sua Natureza
e da Natureza do mundo,
para Sua própria alegria.

20

A forma psicológica mais externa desses poderes constitui o molde ou a orientação da natureza, sua predisposição a certas tendências, capacidades, características dominantes, a certa forma de poder ativo, certa qualidade da mente e da vida interior, certa personalidade ou tipo cultural.

Com frequência, essa *virada* favoriza a preponderância do elemento intelectual e das capacidades de busca e de descoberta do conhecimento, o poder de criação ou de formação intelectual e a preocupação com ideias e o estudo das ideias ou da vida, a informação e o desenvolvimento da inteligência reflexiva.

21

Segundo o grau de desenvolvimento aparecem, em ordem sucessiva, o tipo ou o caráter do indivíduo de inteligência prática, aberta, investigadora, depois, o intelectual e, por último, o pensador, o sábio, a grande mente de conhecimento.

Os poderes da alma, que surgem por um desenvolvimento considerável desse gênero de temperamento, de personalidade, de tipo de alma, são uma mente de luz cada vez mais aberta a todas as ideias e a todos os conhecimentos, a todas as expressões novas da Verdade;

22

em seguida, a sede de conhecimento,
 a paixão pelo conhecimento e por seu crescimento em nós,
 a necessidade de comunicá-lo a outros
 e de ver seu reino no mundo
 – um reino da razão e do bem, da verdade, da justiça
 e, em um nível mais elevado,
 da harmonia de nosso ser superior,
 o reino do espírito e de sua unidade,
 de sua luz e amor universais;
 um poder dessa luz na mente e na vontade,
 que submeterá toda a vida à razão,
 ao seu bem e à sua verdade, ou ao espírito,
 à verdade e ao bem espirituais
 e sujeitará os elementos inferiores a essa lei superior;

23

um temperamento equilibrado,
 voltado desde o início para a paciência,
 para a contemplação estável e calma,
 a reflexão, a meditação,
 que domine e aquiete o tumulto da vontade e das paixões
 e nos faça pensar de maneira mais nobre
 e a viver de maneira mais pura.
 Essa é a base da mente *sátvica*,
 mestra de si mesma,
 que desenvolve uma personalidade cada vez mais benigna,
 elevada, impessoal e universal.
 Esse é o caráter ideal e o poder de alma do brâmane,
 o sacerdote do conhecimento.
 Se esse poder não estiver presente em todos os seus aspectos,
 imperfeições e distorções surgirão no *sátvico*-tipo:

24

a intelectualidade simples
ou a curiosidade por ideias
sem elevação ética ou outra,
uma concentração estreita
em alguma espécie de atividade intelectual
sem a necessária abertura superior
da mente, da alma e do espírito,
ou a arrogância e o exclusivismo do intelectual
fechado em sua intelectualidade,
ou um idealismo ineficaz sem nenhum contato com a vida,
ou qualquer outra das incompletudes e limitações
características da mente
intelectual,
religiosa,
científica
ou filosófica.

25

Todas essas limitações são *paradas* no caminho,
ou concentrações exclusivas temporárias;
mas esse *dharma*, esse *svabhava*,
cumpre-se quando realizamos integralmente
nossa alma e os poderes divinos
de verdade e conhecimento
que estão em nós.

Esse é o estado brâmico
consumado do perfeito brâmane.

26

Por outro lado,
 a tendência da natureza pode ser
 a preponderância da força de vontade
 e das capacidades que conduzem
 à força, à energia, à coragem, à liderança, à proteção, à governança,
 à vitória em todo tipo de batalha,
 a uma ação criadora e formadora
 e à força de vontade,
 que se apodera dos materiais da vida
 e da vontade de outros
 e compele o meio a tomar as formas
 que a Shakti em nós busca impor à vida
 ou que, segundo a obra a ser feita,
 age com poder para conservar o que existe
 ou para destruir e varrer os caminhos do mundo
 ou modelar de modo decisivo aquilo que deve ser.

27

Essa vontade pode estar presente
 em uma forma mais ou menos pronunciada
 e com um poder maior ou menor,
 e, segundo seu grau e sua força teremos, em ordem sucessiva,
 o mero combatente ou o homem de ação,
 o indivíduo que impõe sua vontade e sua personalidade ativas,
 ou o soberano, o conquistador, o líder de uma causa,
 o criador, o fundador em qualquer domínio de formação ativa da vida.

As diversas imperfeições da alma e da mente
 produzem numerosas imperfeições e distorções desse tipo
 – o indivíduo de mera força de vontade brutal,
 o adorador do poder sem outro ideal nem propósito superior,
 a personalidade egoística e dominadora,
 o indivíduo *rajásico*, agressivo e violento,
 o grandioso egoísta, o Titã, o *Asura*, o *Rakshasa*.

28

Mas os poderes da alma aos quais
esse gênero de natureza se abre em seus graus superiores
são tão necessários quanto os do brâmane,
para a perfeição de nossa natureza humana.

A alta intrepidez
que nenhum perigo ou dificuldade pode intimidar
e que sente um poder capaz de
enfrentar e sustentar
todos os assaltos dos homens,
do destino ou dos deuses adversos;
a audácia e a ousadia que não recuam
diante de nenhuma aventura ou empreendimento
e para as quais nada está acima
dos poderes de uma alma humana livre
das insuficiências da fraqueza e do medo;

29

o amor pela honra,
que escala os cumes da nobreza humana mais alta
e jamais se dobra a algo de mesquinho, baixo, vulgar ou fraco,
mas mantém imaculado o ideal da coragem elevada,
do cavalheirismo, da verdade, da retidão,
de sacrifício do self inferior ao self superior,
de ajuda aos seres humanos,
de resistência indomável à injustiça e à opressão;
o controle e mestria de si,
o exemplo nobre, a valentia na guerra
e o comando na jornada e na batalha,
a alta confiança em si que vem
do poder, da capacidade, do caráter e da coragem
indispensáveis ao indivíduo de ação
– essas são as qualidades que constroem a natureza do *kshatrya*.

30

Levar essas qualidades a seu grau supremo
e dar-lhes certa completude, pureza e grandeza divinas
é a perfeição daqueles que têm esse *svabhava*
e seguem esse *dharma*.

Uma terceira tendência ressalta
a inteligência prática organizadora e o instinto vital
que busca produzir, trocar, possuir, fruir, combinar,
pôr coisas em ordem e em equilíbrio,
desgastar-se e adquirir, dar e tomar,
tirar o melhor partido das relações ativas da existência.
Em sua ação externa é esse poder que se traduz como
a inteligência competente e inventiva,
a mente jurídica, profissional, comercial, industrial,
econômica, prática e científica,
mecânica, técnica e utilitária.

31

Essa natureza é acompanhada,
no nível normal de sua completeza,
de um temperamento geral ao mesmo tempo ávido e generoso,
predisposto a acumular e entesourar, fruir, exhibir e utilizar,
voltado para uma exploração eficiente do mundo
e de seu meio ambiente,
mas muito capaz também de filantropia prática,
de humanitarismo, de benevolência metódica;
metódica e moral por princípio,
mas sem nenhuma alta distinção de um espírito ético mais refinado,
essa é uma mente dos níveis médios,
que não busca as alturas
e não possui envergadura para romper as velhas estruturas
e criar modelos nobres de vida:
ela tem a marca da eficácia, da adaptação e da medida.

32

Os poderes, as limitações e as distorções desse tipo nos são familiares em grande escala, porque esse foi o próprio espírito que construiu nossa civilização moderna, comercial e industrial. Mas se considerarmos as capacidades superiores interiores e os valores da alma, veremos que aqui também encontram-se elementos que fazem parte da completude da perfeição humana.

O Poder que se expressa assim, de maneira exteriorizada, em nossos níveis inferiores atuais, é capaz de lançar-se nos grandes empreendimentos da vida, e não vai em busca da unidade e da identidade que é o ápice do conhecimento
 – nem do domínio e da soberania espirituais
 – que é o ápice da força –

33

mas, mesmo assim, ele busca, quando é mais livre e mais vasto, algo que também é essencial ao todo da existência: a solidariedade igual e o intercâmbio de alma a alma e de vida a vida.

Seus poderes são, primeiro, uma competência, *kausala*, que elabora as leis e as obedece, reconhece a utilidade e os limites das relações, adapta-se aos movimentos estabelecidos ou em desenvolvimento, produz e aperfeiçoa as técnicas externas de criação, de ação e de vida, assegura sua posse e procede da posse à expansão e, vigilante em relação à ordem e cuidadoso em relação ao progresso, tira o melhor proveito dos materiais da existência, de seus meios e de seus fins;

34

em seguida, um poder de despender
 que é hábil na prodigalidade e hábil na economia,
 que reconhece a grande lei da troca
 e acumula, a fim de despender com um vasto benefício,
 que aumenta as correntes de troca
 e a riqueza da existência;

um poder de dom e de ampla liberalidade criativa,
 de ajuda mútua e de utilidade a outros
 e que, em uma alma aberta, é a fonte de
 uma beneficência, humanitarismo e altruísmo
 justos de tipo prático;

por fim, um poder de fruir,
 uma opulência na produção,
 na posse e na ação,
 um suntuoso transbordamento da Ananda prolífica da existência.

35

Uma amplitude na reciprocidade,
 uma completeza generosa nas relações com a vida,
 uma tendência a dar-se
 e a distribuir sem contar,
 um amplo intercâmbio entre existência e existência,
 uma fruição e utilização completas
 do ritmo e do equilíbrio
 de uma vida frutífera e produtiva
 formam a perfeição daqueles que têm esse *svabhava*
 e seguem esse *dharma*.

36

